

CASTELAO E PORTUGAL

MARIA DO CARMO HENRÍQUEZ SALIDO
Universidade de Santiago

"Fazer cultura nom é ofício de incultos, e os livros nom se escrevem para analfabetos."

CASTELAO, "Verbas de chumbo (I)", *Castelao: prosa do exílio*, p. 54.

Na presente comunicação tentamos patentear a importância, interesse, transcendência e valor que Portugal tem para Castelao, um dos mais brilhantes e respeitáveis lusófilo ou lusitanófilo da história da Galiza, entendendo por tais os "amigos da língua e das cousas de Portugal" (1). Castelao, lusófilo, é umha peça mais da cadea que enlaça a cultura da Galiza das primeiras décadas do século XX com, por exemplo, o P^e. Sarmiento e os precursores e é, assi mesmo, o elo em que nos seguramos os lusófilos ou lusitanófilos de hoje; nom obstante, já antes de Castelao (por exemplo Manuel Murguia), na época de Castelao (por exemplo A. Vilar Ponte ou J. Viqueira) e depois de Castelao, na Galiza de hoje (por exemplo o professor Carvalho Calero ou o escritor Genaro Marinhas) a presença de lusófilos manifesta-se como umha constante na história do galeguismo e nacionalismo galego.

Castelao, como tem manifestado o professor Rodrigues Lapa (2) embebia-se da cultura portuguesa, alegrava-se por ter visto em Portugal "o génio galego em liberdade" e lamentava-se porque Galiza tinha perdido o seu braço direito -o braço forte pola história-, braço que o cortou a fronteira portuguesa; por isso, de-

(1) Figueiredo, Cândido de, *Grande dicionário da língua portuguesa*, Ed. Livraria Bertrand, Lisboa, 1978, 15ª ed., vol. I, p. 261 di: *lusitanófilo*, m. e adj. "Amigo da língua e das coisas de Portugal"; e na p. 262 *lusófilo*, m. e adj. "Amigo de Portugal e dos Portugueses".

Cumpre nom confundir lusitanófilo com *lusismo* ou *lusitanismo*, pois que *lusitanismo*, m. "Costume próprio dos Lusitanos. Ext. Locução vernácula portuguesa". Na Galiza, lamentavelmente estão-se utilizando estes termos sem precisom; tenhamos mui presente que nom hai vocábulo no português que nom se dê no galego e vice-versa. Castelao declara-se seguidor das teses do P^e. Feijó e por isso assegura que som pouquíssimas as vozes "em que discrepam umha língua da outra".

(2) Rodrigues Lapa, M., "Homenagem a Castelao", publicado em *Seara Nova*, números 1.204-207, pp. 433-36, Lisboa, 1951 e reproduzido em *Agália*, 1, Primavera, 1985, pp. 65-68.

clarava que a Galiza era um povo manco e glorioso, glorioso e manco como D. Ramón del Valle-Inclán (3).

1. A importância de Portugal em datas da sua vida e amigos

Ainda que neste trabalho vamos centrar-nos, preferentemente, nos textos recolhidos no livro *Castelao: prosa do exílio* (4) e em *Sempre en Galiza* (5) oferecemos neste lugar um conjunto de provas e testemunhos, um deles mesmo depois de ter morto o Guieiro, de características e significado talvez mui diverso, porém reveladores e descobridores da transcendência apresentada por Portugal quer na vida quer na obra do rianjeiro:

a) O dia 2 de Fevereiro de 1914, e nom no ano 1913, como tem demostrado no presente Congresso, Avelino Pousa Antelo, nasce o seu único filho, quem recebe os nomes de "Alfonso Jesus de Braga". Castelao e Virgínia projectam e reflectem neste simples facto a sua devoçom e carinho polo país irmao.

b) No desenho número 39 do álbum *Nós*, composto entre os anos 1916 a 1918, "quando a Galiza se espargiu de um longo sono", um velho, à beira do rio Míno, conversa com um rapaz, quem lhe pergunta: "E logo os da banda de alá, som mais estrangeiros que os de Madrid?". O velhote fica surpreso e atónito pola pergunta temerária do menino. Castelao argumenta: "Nom se soubo o que lhe respondeu o velho". Rodrigues Lapa (6), nom obstante, interpreta que o velho lhe teria respondido "nom", engadindo "nem poderia responder outra coisa; porque um português de verdade não ten direito nem o dever de sentir-se na Galiza moralmente um estrangeiro; *politicamente, sim*" (o sublinhado é nosso).

c) Já desde o primeiro momento da apariçom da revista *Nós*, o conselho de redaçom na secçom "Os homes, os feitos, as verbas" (ano 1920, núm. 1, p. 18) assevera:

"Temos a Teixeira de Pascoaes coma cousa nóa, e n-as nosas internas devociós témo-lo moi perto da santa Rosalía e de Pondal, o verbo da lembranza."

E no número 2, do mesmo ano, num estudo intitulado "Portugal e Galizia" manifesta-se entre outros factos; na páxina 8:

"Co'elo xa nos daba a coñecer como sinte a solidaridade espiritual de Lusitania e Galizia. Sempre arelaran as Irmandades da Fala, qu'os dous pobos irmaus se coñeceran e s'amaran. Era, mais que un simples intercámbeo, unha verdadeira colaboración na obra da cultura, o

(3) Palmás, Ricardo, *Castelao: prosa do exílio*, Ed. Patronato da Cultura Galega, Montevideu, 1976, p. 46. O discurso está pronunciado em Maio de 1941 e tem como título "Galicia y Valle Inclán".

(4) *Ibid.*

(5) Castelao, A., *Sempre en Galiza*, Ed. Akal, Madrid, 1976, citamos pola 2ª ed. de 1977.

(6) Rodrigues Lapa, M., "Castelao e a Galiza", em *Revista Nós*, Núm. 105, Setembro, 1932, pp. 165-168. Comenta designadamente este desenho na páxina 167.

que se quería. (...) nos quere ter a sua parte n-ise movemento que leva un car'ó outro ós dous pobos irmaus, n-ise movemento cheo de promesas groriosas."

d) Nos seus discursos parlamentares, reunidos num volume por José Luís García (7) e comentado, também, por Carvalho Calero (8), no intitulado *Proyecto de Constitución*, Castelao depois de afirmar que "el galaico portugués es hablado por unos 40 millones de personas", manifesta:

"¡Y hay quien quiere negar la importancia de nuestro idioma! Pero es preciso decir que es el último lazo que une a España con Portugal; porque, amigos y hermanos, es preciso pensar en Portugal. Se habla muchas veces de una Confederación ibérica como bella ilusión; pero es preciso deciros que no hay más que una puerta por donde España pueda comunicar con Portugal; esa puerta es Galicia y los gallegos tenemos la única llave de esa puerta que es el idioma."

(18 - Março - 1931)

e) No ano 1935, na primeira dezena de Fevereiro, de sábado a segunda-feira, passa a Portugal, por motivo de conhecer em Lisboa a Teixeira de Pascoaes, com quem fala, como assinala Valentín Paz Andrade (9), no hotel Tivoli de Lisboa, visitando assi mesmo o Museu das Janelas. Rodrigues Lapa (10) manifesta que se encontrou por duas vezes com el em Lisboa: de umha vez na embaixada ou consulado espanhol, onde assistiram à projecçom de umha série de desenhos coloridos de figuras populares galegas e de outra num concerto de música galega e assegura que depois com a guerra civil de Espanha nunca mais se tornárom ver. Antes desta data, Rodrigues Lapa já tinha viajado a Lugo para estar presente na homenagem que lhe rende a Castelao a Deputaçom de Lugo, no ano 1932, quem ao conhecer ao patriota galego "fica impresionado dos seus olhos doentes, banhados de ternura e fina ironia" (11).

f) Portugal e o portugués ocupam um lugar bem considerável na tam famosa e conhecida carta a Sánchez Albornoz, reproduzida por V. Paz Andrade (12) em que Castelao exprime:

"Deseo, además, que el gallego se acerque y confunda con el portugués"

Cumpre esclarecer que o verbo *acercar* significa em espanhol "poner cerca o a menos distancia de lugar o tiempo" e que o verbo *confundir* está empregado na sua acepçom 1 de "mezclar dos o más cosas diversas de modo que las partes de las unas se incorporen con las de las otras" (13).

(7) García, José Luis, *Discursos parlamentarios (1931-1933)*, Castelao, Otero Pedrayo, Suárez Picallo, Villar Ponte. Ed. do Castro, A Coruña, 1978.

(8) Carvalho Calero, R., *Letras galegas*, Ed. AGAL, Corunha, 1984, p. 82.

(9) Paz Andrade, V., *Castelao na luz e na sombra*, Ed. do Castro, A Coruña, 1982, pp. 343-345.

(10) Rodrigues Lapa, M., "Homenagem a Castelao", reproduzido em *Agália*, 1, 1985, p. 65.

(11) *Ibid.*, p. 65.

(12) Paz Andrade, V., *op. cit.*, p. 596.

(13) Real Academia Española, *Diccionario de la lengua española*, Madrid, 1984, 20ª ed., tomo

g) No "Día de Galiza" do ano 1948 (14), ao dirigir-se Castelao a todos os galegos que residem nessa segunda pátria, lembra "o curuto do monte de Santa Tegra, que vence coa súa sombra os montes de Portugal", as dúas irmás, Inês e Joana de Castro, "a que reinou en Portugal dispóis de morta e a que foi raíña de Castela nunha soia noite morna de vran".

h) As declaracións realizadas directamente polos seus amigos de Buenos Aires vivos aínda hoje, como José B. Abreira Feijó, quem nom se cansa de dizer reiterativamente e a grandes vozes: "Si, Galiza com Portugal", "Si, Galiza com Portugal".

2. A presenza de Portugal em prosa do exílio

Ricardo Palmás reuniu num livro um conjunto de textos construídos por Castelao quando se dirigia ao público da colectividade galega ou argentina, estabelecendo assi, em función do seu auditorio, o uso do idioma galego ou do espanhol: se o público desconhece o galego fala em espanhol, porém se o público entende a língua da Galiza, fala em galego. Castelao, nom obstante, nom é um escritor bilingue, Castelao usa o espanhol "ocasional" ou funcionalmente (15).

Os discursos de Castelao giram sobre dous blocos fundamentais: o seu ideário político e o seu ideário lingüístico. Quanto ao primeiro Castelao explicita o objectivo de instaurar a República que levasse à uniom de todos os povos espanhóis para chegar à uniom com Portugal, pois que a Península Ibérica é umha comunidade geográfica com pluralidade de naçõs, perfectamente ajeitadas para reger-se polo sistema federal. Galeuzca, como todos sabiam, era umha irmandade de galegos, bascos e cataláns, que chama por Castela para criar umha "Hespanha", capaz de engrandecer-se com Portugal. Castelao defende o direito de autodeterminaçom para Galiza, questiona o separatismo ("Separatistas son os que separan, e nós somos separados, que non separatistas", p. 53) e propugna umha uniom de todos os povos diferenciados de Hespanha num Estado plurinacional e republicano, capaz de traer a Portugal; para tapar a boca dos que asseguram que este facto é algo recente, revela com citas de Murguía que as suas ideias já se documentam no ano 1889 ou inclusive antes, durante a tirania de Fernando VII. Vejamos agora alguns textos:

- a) "Non; os galegos non somos separatistas, porque si o fósomos non tiñamos porque ocultalo e negalo. Nós somos federalistas, e velahí o noso único delito" (p. 84) (Dezembro, 1944).

(14) Palmás, R., *op. cit.*, p. 182. O discurso é o tam conhecido "Alba de groria", em que Castelao desde o seu leito de enfermo envia esses afervoados saúdos a todos os patriotas galegos.

(15) Palmás, R., *op. cit.*, p. 19. Palmás manifesta que Castelao nom é um escritor bilingue, quer diglósico como Rosalía ou Curros quer ao modo de Cunqueiro ou de Blanco Amor. Castelao, na sua opiniom, parece ser, mais bem, um bilingue 'ocasional' ou 'funcional'. Somos da opiniom de que Castelao é um escritor monolíngue.

- b) "(...) todos saben que a Península Ibérica é unha unidade xeográfica con pluralidade de nacións, perfectamente axeitadas para rexirse polo sistema federal; todos saben do fatal resultado que dou a Hespaña unitaria e centralista, movéndose como un péndulo que vai do desbaraxuste á ditadura e da ditadura ao desbaraxuste. Por outra banda, todos saben que Galeuzca é unha irmandade de galegos, vascos e castaláns, que chama por Castela para crear unha Hespaña verdadeira, capaz de engrandecerse con Portugal." (p. 85) (Dezembro, 1944).
- c) "Nosotros defendemos el principio de autodeterminación para todos los pueblos que han sabido conservar, a través de los siglos, su personalidad nacional, y, por consiguiente, defendemos el derecho de autodeterminación para Galicia, que conserva todos los atributos de una verdadera y auténtica nacionalidad (...) Entendedme bien -voy a repetirlo-: descartando el separatismo y abogando por una unión paccionada de todos los pueblos diferenciados de España en un Estado plurinacional y republicano, capaz de atraer a Portugal." (p. 114) (Junho, 1945).
- d) "Y concluye con estas palabras: "El peligro que por esto corre el Estado español, de que se ahonden las diferencias que nos separan, y conviertan en marcada hostilidad las relaciones que al presente unen a las diversas nacionalidades de que se compone, es tanto más serio, cuanto que Galicia se halla constantemente solicitada por Portugal, y que puede en un momento dado venir en su auxilio y tomarla para sí, sin que esto nos duela ni mucho menos". Vean los impugnadores del galleguismo político actual cómo hablaban los regionalistas de 1889 y estimen nuestra moderación de lenguaje." (p. 123) (Dezembro, 1945).
- e) "En moitísimas oportunidades se revelou en Galiza unha indecisión amorosa entre Castela e Portugal, sempre por motivos de diñidade ofendida. Pero a insufribel tiranía de Fernando VII produxo no noso país, xa non a dúbida amorosa, senón o firme e claro desexo de arredarse de Hespaña para ingresar en Portugal." (p. 167) (Junho, 1948)

A respecto do seu ideário lingüístico, Castela conforme à mais firme e ilustrada tradición galeguista admite "o galego-português como a unidade sistemática, da que eram realizacións as variedades de aquí e de além Minho". Em "Hespanha" falábase de catro idiomas diferentes, vehículos de outras tantas culturas e revelación de outras catro nacionalidades, existindo, além disto, três povos diferenciados. A Galiza tem unha língua propia, criada no berço de outra anterior, provavelmente céltica, que é filha do latim, irmá maior do castelano e mai do mal chamado português. Nessa língua compugérom-se os cancioneros galaico-portugueses; non obstante, é bem certo que a língua galega caiu ferida pola hegemonía política do Centro. Observemos agora os textos:

- a) "España no es única e indivisible, como suele decirse, porque es plurinacional, y, por consiguiente, no debe ser único e indivisible su Poder público y esa eutrapelia que viene llamándose "soberanía nacional". Bastará observar que en España se hablan actualmente cuatro idiomas diferentes, vehículos de otras tantas culturas y revelación de cuatro nacionalidades" (p. 11) (Junho, 1945).

- b) "Galiza ten unha língoa propia, criada no berce de outra anterior -probablemene céltiga-, que é filla do latín, irmán maor do castelán e nai do mal chamado portugués, en cuia língoa se produxo un dos moimentos líricos máis antigos e ademirables de Europa (...) xusto será reconecer que, polo menos, o idioma galego -hoxe falado en varias partes do mundo- é natural de Galiza, porque alí nasceu e alí se criou e fixou literariamente" (p. 164) (Junho, 1948).
- c) "Sí; el lirismo galaico es hijo del ruralismo; pero con tan rústica cuna imperó sobre las otras literaturas españolas y el mismo Rey Sabio le ha prestado vasallaje. Ciertamente que la lengua gallega -hija del latín, hermana mayor, del castellano y madre del portugués- cayó herida por la hegemonía política del Centro, en el momento crítico de su desarrollo; pero como es inmortal sigue viviendo en los agros y resurge diariamente en los labios del pueblo y en el genio de los poetas." (p. 193) (Nom se inclui data).

3. Portugal em *Sempre en Galiza*

A obra, publicada em Buenos Aires no 1944, é um conjunto de textos, acrescentado na edição manejada por nós, com sete capítulos escritos para o segundo tomo da obra, no ano 1947. Os discursos tenhem por objectivo "escorrenar a morrinha" (p. 9) mas todos eles som "reflexos de um mesmo ideal", embora o produto final tenha sido construído durante doze anos (1935 a 1947) em diferentes localidades.

Sob o título "Portugal visto por Castelaio através de *Sempre en Galiza*" temos apresentado umha comunicação o ano passado em Lisboa (16), neste Congreso de homenagem a Castelaio partimos desse trabalho, mais amplo, em que introduzimos algunhas variantes e elaboramos umha notável síntese.

Ao efectivar umha simples estatística, partindo das páginas em que fala de Portugal ou dos portugueses de modo directo -entendendo por isto o uso do vocábulo "Portugal", "portugueses" ou "portugués"- contabilizamos (embora poda haver erro no nosso cálculo)- um total de cento treze páginas, das quatrocentas setenta de que consta a obra verificando assi mesmo que é no livro III onde mais insiste nestas questons (sessenta e sete páginas). Bem sabido é que as mençons feitas por Castelaio som heterogéneas e variadas, o que nom impede nem resta validade à nossa afirmação: Castelaio tanto lembra a importância de Portugal na história da literatura mundial (p. 103), os momentos de prosperidade (p. 339), os seus temores ante o perigo espanhol (p. 344) como o sentimento da saudade, sentimento que abrange a Portugal e a Galiza numha só eternidade (p. 352).

Se é necessário saber que entende Castelaio por "Hespanha", para compreender e explicar depois o seu ideário, também cumpre esclarecer que entende Castelaio polo auténtico Portugal: Portugal é um retalho saído da Galiza (p. 265, p. 347, p. 450) ou um anaco de terra galega (p. 277, p. 335), de aí que exista umha

(16) Henríquez Salido, M^a do C., "Portugal visto por Castelaio através de *Sempre en Galiza*", em *Actas do I Simposio Interdisciplinar de Estudos Portugueses: o outro*, Lisboa 20 a 22 de Novembro de 1985, a aparecer.

Galiza identificada com a região ocidental do Douro, no actual Portugal (p. 36, p. 225) ou dito com outras palavras, é a Galiza na sua máxima extensão romana (p. 267); esse autêntico Portugal tem génio e sangue galegos como se pode corroborar pelo grande poeta Camões (p. 268, p. 332).

Em contraposição com Galiza e Portugal, e outros povos que enriquecem o Estado Espanhol, aparece Castela, bem diferente da Hespanha de Castelão:

"A oposición a Castela salva os ataques que poidéramos dirixirle a Hespaña, cuio nome tivemos que humedecer c-unha letra de mais para facelo respectable aos nosos ollos, pois do seu goberno sóio se nos ocorre decir que é máis odioso por hipócrita que por tiránico. Sacamoslle á verba 'España' todo canto ten de prosapia castelán (abonda engadirle unha H para derivala de Hispania) e con ela abranguemos a Península enteira, facéndoa sinónima de Iberia" (Liv. III, Cap. XVII, p. 330)

Hespanha, como explicaremos mais adiante, é um conglomerado ou mosaico de nações, que devem federar-se ou confederar-se; estas nações, como já afirmamos anteriormente, são: Galiza, Castela, Euskadi, Catalunya e Portugal. O vocábulo Hespanha, como se desprende do texto de Castelão, está identificado com a Hispânia romana, por oposição ao vocábulo Castela, uma nação dentro desse Estado, a única nação separatista, a única absorvente, a verdadeira culpável da desmembração da Hispânia:

"Os adoradores d-esta especie de deus panteista chámanse *españoles* e non saben que a súa *España* foi, n-outro tempo, algo mais que unha verba sagra (...) N-este dito do gran patriota portugués acúsase a política centralista e absorvente de Castela, como causante da desmembración de Hespaña" (Liv. I, Cap. XVI, p. 72).

Para Castelão, a Galiza triunfa em e graças a Portugal, inclusive depois de morta (p. 37, p. 237, p. 429), por isso, a Galiza tem que acabar com a sua indecisão amorosa (entre Castela e Portugal), pois que é em Portugal onde reinou e reina a nossa língua e cultura; sem lugar a dúvidas, a Galiza tem que optar por Portugal (p. 224, p. 362, p. 464).

Portugal está muito presente quer no ideal político quer no ideal linguístico. Tanto Carvalho Calero (17) como Eduardo Gutiérrez (18), entre outros, assinalam que Castelão aspira à constituição do Estado em forma de República Federal, pois é a única alternativa real para a solução do problema do Estado -Castelão é federalista e não separatista-, porém essa penetração e união ibérica está facilitada pela posição charneira da Galiza, em relação e nomeadamente, com Portugal. Para Castelão a nação, "nación", espanhola não existe:

"No caso de Hespaña non se trata de axuntar os anacos d-unha nación rompida cando propugnamos por unha unión con Portugal, nin se trata de desmembrar a *nación* hespañola cando arelamos un réxime federal, posto que tal *nación* non existe." (Liv. III, Cap. XV, p. 321).

(17) Carvalho Calero, R., *op. cit.*, pp. 261-267.

(18) Gutiérrez, E., "Para ler o *Sempre en Galiza*", em *Castelão contra a manipulación*, Ed. Xistral, Santiago, 1984, pp. 91-95.

Castelao é um infatigável e reiterativo defensor da constituição de uma federação das nações hispanas e o conjunto de textos oferecidos através das páginas da obra são bem numerosos, entre outros vejam-se as páginas, 88, 226, 307-309, 320, 325-328, 343, 359-360, 422, 438, 459-462, 467 e 470-477, como por exemplo:

"En realidade Portugal separouse de Castela; pero non se separaría de Hespaña. Compre, pol-o tanto, crear unha organización estatal capaz de atrager Portugal ao seo da familia hispánica. Non hai dúbida de que unha República federal sería o complemento da Confederación Ibérica e o primeiro paso que os hespañoes darían cara Portugal, abolindo o sistema unitario e recoñecendo o dereito de autodeterminación das nacionalidades, especialmente de Galiza." (Liv. II, Cap. XIX, p. 226).

A respeito do ideal lingüístico, Castelao segue as teses de Ramón Menéndez Pidal e por isso defende e propugna a unidade lingüística galego-português. Em *Sempe en Galiza* registamos um total de mais de trinta referências, sintetizadas nos pontos de que o idioma galego é pai ou mãe do português, pois Portugal recebe o seu idioma dos galegos (p. 41, p. 322, p. 445); graças a Portugal, o idioma originário da Galiza é um idioma extenso e útil, uma fala de príncipes e senhora do Brasil e colônias (p. 41-42, p. 241); galego e português não apresentam diferenças substanciais, são de um mesmo tronco, são um mesmo idioma:

"O mesmo P. Feixó demostrou que a língua galega não é distinta da portuguesa, por serem pouquíssimas as vozes em que discrepam uma língua da outra; pero non hai dúbida de que o arredamento político fixo declinar o romance orixinal en dúas formas dialectaes, que se prestan a falsas interpretacións. En verdade o portugués é o ramo máis vizo e fecundo; pero a língua que fala o povo galego é o mesmo tronco do albre." (Liv. III, Cap. VIII, p. 288)

ou com matizações:

"...e que as línguas galega e portuguesa não são idênticas na sua essência, senón que as formas arcaicas e populares usadas por-los mesmos escritores da época clássica, deben calificarse de verdadeiros galeguismos, que resistiron o influxo cultural e erudito e ainda viven nos beizos da xente do Miño e da Beira." (Liv. IV, Cap. IV, p. 450).

Castelao, mesmo, especifica que nome deve receber o nosso idioma, considera muita mais própria a denominação "galaico-português" ou "galego-português", ao designar o idioma de Portugal com o qualificativo de "mal chamado português"; Castelao admite, evidentemente, a unidade lingüística galego-português na Idade Média, assevera que faz extensível ao idioma da Galiza do seu tempo:

- a) "Hespaña era unha unidade orgánica, cando todol-os habitantes da Península se chamaban hespañoes, aínda que non falasen na língua de Castela, aínda que falasen vasco, catalán ou galaico-portugués." (Liv. I, Cap. XVI, p. 72).
- b) "Para que non haxa dúbidas encol dos nosos pareceres -ao cabo somos galeguistas- recurriremos a Menéndez Pidal, tan pouco amigo de Galiza que a miúdo lle chama 'portugués' a língua galega, aínda que se refira a períodos anteriores a existencia do Portugal de hoxe

(...) O galaico-portugués e o leonés achegábanse pol-o Norte ao aragonés e catalán..." (Liv. III, Cap. VII, p. 282)

- c) "A segunda verdade é que Castela (...) tronizando a comunidade lingoística dos tempos visigóticos e deixando a Península dividida en catro familias diferentes: a galaico-portuguesa, a catalana e a vasca" (Liv. IV, Cap. IV, p. 449)

Ao desapareceren as fronteiras e ao melhorarem as comunicacións, ao producir-se a uniom cultural de Galiza e Portugal, a nossa língua e cultura ficarían fortalecidas, conseguindo-se assi mesmo a anulaçom do centralismo exercido por Castela:

"...nós decimos que Galiza sóio pode ver na unión de Hespaña e Portugal o xeito de fraquear a fronteira miñota, aos efectos da língoa e da cultura. Unha Galiza autónoma cultivaría os atributos, agora puramente rústicos, da súa persoalidade, e non tardaría en erguelos até o nivel portugués, n-unha inevitable coincidencia de xenios. Abriríase, d-este modo, un novo ciclo galaico-portugués, que -ouh, manes de Antonio Sardinha-, 'tenderían a facilitar a realización do hispanismo...' (Liv. III, Cap. XXIII, p. 360).

4. A modo de síntese, conclusom e reflexom

4.1. Portugal para os galeguistas e nacionalistas nom é um país invisível, os nacionalistas galegos sempre estiverom e están -estamos- interessados por Portugal. Entende Castelao que Portugal necessita da Galiza e a Galiza necessita de Portugal, ambos os países están desde sempre ameaçados por Castela e, nomeadamente a Galiza, que é um bocado de Portugal sob as patas do leom de Castela.

4.2. Até o ano 1914, ano do nascimento do seu único filho, só poderíamos registar umha presença sentimental ou sensível, quase imperceptível. A partir dos anos 1916 esta presença fai-se mais concreta, definida, precisa (desenho no álbum *Nós*, declaraçoms nos primeiros números da revista *Nós*). Depois do ano 1930, aproximadamente, até os últimos dias da sua vida no exílio (discursos parlamentares, visitas de Castelao a Portugal e de portugueses, como Rodrigues Lapa, a Galiza, discursos no exílio e designadamente em *Sempre en Galiza*) Portugal converte-se na essência dos seus postulados políticos e lingüísticos para assi defender a existência e subsistência da Galiza no momento presente e inclusive no futuro ("reinar depois de morrer").

4.3. Na documentaçom manejada por nós, verificamos que Castelao reitera, insiste e renova "os reflexos de un mesmo ideal", quer dizer, nom improvisa. As suas teses ficam reproduzidas com as mesmas palavras tanto nos seus discursos como no conjunto de textos reunidos em *Sempre en Galiza*, em que fica bem patente a sua repetiçom.

4.4. Existe umha constante a respeito do seu ideário político a tese da uniom ou federaçom ibérica em que a Galiza lhe corresponderia o papel de atraer a Portugal; nesta uniom ou federaçom a Galiza seria a charneira, a peça fundamental. Portugal e a Galiza constituem, em geral, umha unidade lingüística e cultural, que nom política: galegos e portugueses somos esses "filhos de Breogám" e para ambos virá algum dia a luz.

4.5. Do ponto de vista do seu ideário lingüístico, Castelao é um teórico do reintegracionismo, quer dizer, conhece cientificamente os princípios, embora nom o pratique ortograficamente como um J. Viqueira ou um V. Risco nalgumha etapa da sua produçom; porém achamos muitíssimas "formas proibidas" hoje pola denominada "Normativa oficial", (elaborada polo "Instituto da Língua Galega" e "Real Academia Galega") já nas primeiras páginas de *Sempre en Galiza*, como até (p. 9), *paseio* (p. 9), *doutrina* (p. 10), *ideia* (p. 11), *eles gostan de* (p. 10), *proprio* (p. 10), *povo* (p. 10), *duvida e divide* (p. 10), *desprezo* (p. 10), *impor* (p. 10), *propriedade* (p. 11), *Galiza* (p. 11 e sempre), e um longo etc. que, supomos, será analisado com mais detalhe polo professor Rábade Castinheira na sua comunicaçom. A prática idiomática de Castelao apresenta umha considerável coerência e somos da opiniom de que nom levou à prática ortográfica o reintegracionismo em parte pola sua específica formaçom -Castelao mal possuía conhecimentos lingüísticos e filológicos-, em parte para evitar "lutas ortográficas entre os partidários do J e o G e os partidários do X" e em parte para nom "desprezar leitores", dadas as circunstâncias específicas concorrentes nesse período e nesse lugar, nessa segunda pátria dos galegos.

4.6. Castelao professava a Portugal "um entranhado afecto, pois via nele, e muito acertadamente, a parte engrandecida de um todo, que os caprichos e os erros dos homes arbitrariamente dividiram" (19).

4.7. E para finalizar e concordando com a opiniom do professor Lôpez-Suevos (20) consideramos "um preconceito dizer que o re-integracionismo lingüístico conlevará a inserçom política de Galiza no Estado português. Essa transposiçom do plano lingüístico ao político é interessada e só pretende explorar o sentimento de superioridade que os espanhóis temem a respeito dos portugueses (nem dizer tem que somos "espanhóis"). Se Portugal tivesse um nível de desenvolvimento económico similar ao de Holanda, os nossos anti-lusistas poriam-se mais "flamengos". Todo este confusionismo deliberado que sementam os isolacionistas nom deixa de ser sintomático da sua posiçom global. Em nome de um hipotético perigo futuro trata-se de emascarar o sempre presente imperialismo espanhol."

Eis, em palavras de hoje, a inter-relaçom entre Castelao e Portugal.

(19) Rodrigues Lapa, M., "Homenagem a Castelao", em *Agália*, 1, p. 68.

(20) Lôpez-Suevos, R., *Dialéctica do desenvolvimento: língua, naçom e classes sociais*, Ed. AGAL, Corunha, 1983, p. 95. De grande interesse é todo o capítulo dedicado ao estudo da língua, pp. 73-95.